

UNIVERSIDADE DO PORTO

Manuais Escolares DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO NA B.P.M.P.

No âmbito do
VII CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO,
CULTURA ESCOLAR, MIGRAÇÕES E CIDADANIA,
realizado na
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
entre 20 e 23 de Junho de 2008

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto
Centro de Investigação e Intervenção Educativas – CIIE/Núcleo Educação, História e Museologia - EHE

Faculdade de Letras do Porto

Porto

Manuais Escolares de Música e Canto Coral

Do uníssono à polifonia? Os livros de Canto Coral

Fernando Costa

Doutorando em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Luís Grosso Correia

Universidade do Porto

Faculdade de Letras do Porto

Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais

Centro de Investigação e Intervenção Educativas

Esta mostra de livros de Canto Coral dos séculos XIX e XX até meados da década de 1960 persegue uma primeira tentativa de sistematização de um *corpus* documental, que nos pode indiciar sobre o interesse e utilidade atribuído ao ensino da música através da disciplina de Canto Coral, o qual, segundo o discurso oficial, era perfilhado numa perspectiva de canto orfeónico. Este *corpus* pode ser olhado de vários ângulos, como, por exemplo, a partir de uma matriz mais técnica e especializada ou como portador de uma espécie de *estética nacionalista*, da qual princípios de doutrinação e de inculcação ideológica tentarão emergir, como exaltação patriótica, a partir da década de 1930.

A prática de canto coral é uma actividade muito antiga, que já se encontra referida em antigos documentos do Egipto e Mesopotâmia e na formação do homem grego (*chóros* que se aproximava do antigo drama grego). O canto colectivo foi uma das primeiras manifestações do homem para clemência e agradecimento aos deuses. O *canto* é postulado, segundo António Arroio, por uma *sociedade homogénea* e o coro representa a multidão reunida numa fidelidade, numa mesma comunhão (Arroio, 1909).

No dizer do padre Tomás Borba, em 1916, “a música é a expressão mais linda da saudade e da esperança. Ao soldado dá coragem na guerra, ao marinheiro encurta suavemente as longas horas de calma ou de tormenta e a todos enche de consolação e bênçãos” (Borba, 1916). Porém, no que respeita ao canto capaz de unificar a nação, perguntava António Arroio, “que hinos patrióticos sabe cantar o nosso povo? O da independência de 1640, *O rei chegou, a Carta Constitucional, a Maria da Fonte*? Não. Estes cantos tiveram apenas um papel episódico, os que o tiveram e desapareceram inteiramente da memória do povo. Acresce, ainda, que em Portugal, ao contrário do que sucede nas outras nações, não se canta o hino nacional, nem parece haver disso maior necessidade. E, além de tudo o mais, o hino da Carta foi feito para os latões das bandas marciais; não se pode cantar”. Continuava o autor, afirmando que em “Portugal não pôde até hoje haver canto coral, orfeões. Pode dizer-se que a canção popular portuguesa, aliás, riquíssima, apenas traduz os sentimentos mais rudimentares da vida de relação; a nossa canção é, principalmente, amorosa, ou ainda religiosa, mas nunca política, ou patriótica” (Arroio, 1909).

Armando Leça, etno-musicólogo e professor de Canto Coral dos liceus do Porto, escrevia em 1922 que a canção popular portuguesa tinha modulações efeminadas, temerosas, o acento métrico muito a nu e a sua melodia, “transparente, intimamente expressiva, sem cromatismo ou ornatos”, inspirava-se nos motivos da flora e das aves canoras (Leça, 1942).

Fernando Lopes Graça diagnostica que, ao contrário do que é válido para a literatura, arquitectura ou pintura, não se pode falar ou que será mais difícil falar de uma música portuguesa, tomando esta expressão no sentido erudito e não no sentido étnico. Daí o autor defender

que “o problema da música portuguesa é, fora de dúvida, um problema colectivo.” O *processus* histórico da música portuguesa é descontínuo, cheio de hiatos, sem núcleos vitais, sem reconhecida linguagem musical específica, sem criação estética e criadores representativos, sem um nacionalismo musical específico resultante da tradição erudita, da inspiração folclórica e capaz de atingir a universalidade da música erudita. O problema era ainda adensado pelo facto de faltarem as disciplinas verdadeiramente científicas para a abordagem dos problemas folclóricos, que proporcionem as bases eficientes para a eclosão de uma escola de música nacional (Graça, 1944). No entanto, não deixava de ter ideias muito consistentes sobre as vantagens do canto coral, longe da concepção de *unísono* vigente, defendendo o pensamento de que “a prática da música coral é, pelas sãs alegrias que proporciona, pelo que representa como factor de educação artística, pelos hábitos de sociabilidade que cria, pelos estímulos de nobre e pacífica cooperação que desperta, um dos índices mais seguros da vida civilizada dos povos e das nações (Graça, 1964). Não era de estranhar a sua discordância em relação à situação em que a música portuguesa estava e ao facto dela não ocupar um papel importante no país, pois, “como é sabido o ensino elementar da música nos liceus é uma coisa bem precária e, contudo, podia estar, já, aí o ponto de partida para uma diminuição do analfabetismo musical. Quanto às universidades, o assunto ainda anda lamentavelmente mais descurado” (Graça, 1973).

O ensino da música na escola primária, à volta do orfeão, estava, já, devidamente organizado em meados do século XIX, nos países germânicos e escandinavos, bem como, também, em França, que, afinal, nos veio a servir de modelo. Em Portugal, foi a Lei de 2 de Maio de 1878 que estabeleceu o ensino do canto coral na instrução primária complementar. Acontece que, as circunstâncias não corresponderam às prescrições legais. Por um lado, os programas impostos não passavam de meras ordenanças aos professores, no sentido do canto coral melhorar *as condições físicas das crianças, robustecendo-lhes os pulmões e os órgãos da fonação*. Por outro, a não existência de canto coral no ensino primário elementar, esvaziou de possibilidades práticas a sua existência no nível complementar (cf. Ramos, 1892). A música (canto coral) surgirá no plano de estudos do liceu feminino Maria Pia, em Lisboa, em 1906: “A moral, as noções de direito usual, a pedagogia, a música, têm necessário cabimento entre as disciplinas [...]. Sem elas não se julgará completa a educação de uma mãe de família” (Decreto de 31 de Janeiro). Só em 1918, o regulamento da Instrução Secundária viria a consagrar o Canto Coral como disciplina obrigatória nos liceus, de ambos os sexos, sem deixar de revelar, no entanto, a mesma feição fisiológica, estética, moralizadora e nacionalista de antanho, agora exercida com melhores condições técnicas e pedagógicas. O currículo de Canto Coral não será claramente definido até à publicação do seu regulamento em 23 de Abril de 1932, facto este que continuará a propiciar aos autores de manuais uma maior liberdade na definição do alinhamento programático das suas obras durante este período.

Carneiro Pacheco, percebendo a função ideológica do Canto Coral nas escolas, chamava a atenção, em torno de um grande projecto de “*orfeanização* da nação inteira”, para a importância do Orfeão Escolar, pois, “pela melodia e pelo ritmo, o Canto é uma linguagem viva e aliciante, precioso instrumento de sociabilidade, que exerce nas próprias camadas populares uma penetrante influência moral, de paz e de concórdia” (Pacheco, 1934). Jamais se esquecerá desta sua viva e singular proclamação, aquando da formação da Organização Nacional Mocidade Portuguesa (MP) em 1936. Com a MP entrar-se-ia, assim, na era do canto colectivo, óbvio, nacionalista, higiénico e compulsivo! Esta organização nacional, que virá a coordenar as actividades de Canto Coral do ensino secundário, a partir das reformas de 1947 (sempre em constante confusão de competências com os reitores e directores das escolas), promovia

a ideologia dominante e dava forma a um conjunto de valores, através de cânticos religiosos, regionais e patrióticos (como o Hino da Restauração, Hino da Mocidade Portuguesa – *Lá vamos cantando e rindo...* –, A Marcha da Mocidade, cântico a Nossa Senhora, ou o Grande Coral da Pátria).

O canto coral, como instrumento de prática musical *saudável*, numa base tríplice de *virtudes* – estética, fisiológica e recreativa¹ –, organizava-se, então, à volta de um repertório tradicional folclórico, estabelecendo uma separação entre géneros musicais, “devendo ser evitadas as músicas de origem duvidosa, em particular o fado, mas também a música ligeira anglo-saxónica e o jazz” (Castelo-Branco, 2003). Os livros de canto coral reuniam, por vezes, vários trechos, em que os rudimentos de música e exercícios se entrelaçavam, sem esquecer, claramente, as normas de canto ajuizadas entre o *estado de espírito* e a *atitude do corpo*, como factores essenciais à aprendizagem do canto. Mas, os exercícios de solfejo entoado, a escrita musical excessiva e alguma complexidade de execução das canções, podiam reduzir os intentos didácticos que o canto coral perseguia. João Mântua estava atento a esta contingência e sabia que não era tarefa fácil o ensino do canto coral: “a canção infantil deve ser, nos parece, a fusão primorosa das qualidades mais nobres da natureza humana – o sentimento e o pensamento” (Mântua, 1939).

Não obstante a orientação das actividades escolares da MP, os manuais de Canto Coral publicados durante o período do Estado Novo apresentam características e linhas de orientação comuns com os de períodos anteriores, das quais destacamos:

- não apresentam canções de cunho marcadamente nacionalista ou de exaltação patriótica;
- são dominados, na esmagadora maioria dos casos analisados, por canções de tradição folclórica, representativas de diversas regiões do país;
- as suas capas acentuam a natureza coral dos livros e identificam uma certa ideologia de canto em *uníssono*;
- denotam um crescendo, ao longo do período estudado, das matérias teóricas e técnicas de literacia musical (o solfejo e os “rudimentos”) em detrimento das matérias práticas – aquelas, nalguns casos, chegam a ocupar mais de dois terços dos manuais;
- e, a contrário das determinações do currículo oficial (de 1932, 1936 e 1947, por exemplo), denotam um alinhamento programático pela ordem inversa à institucionalmente recomendada, isto é, primeiro vinha a teoria e depois a prática.

A juntar a estas características e a avaliar pela fraca edição de manuais de Canto Coral até 1968, curiosamente, não se deixando de identificar, por vezes, um número elevado de edições para um só manual, parece-nos que o Canto Coral perpetua uma cultura escolar e docente caldeada na tradição consuetudinária da formação musical característica dos conservatórios de música, a saber: o respeito intrínseco pelas opções e liberdade de decisão do docente na escolha do repertório para o grupo coral, podendo, mesmo lançar mão do seu repertório privativo de canções.

Do ponto de vista formativo e analítico, ficam as questões: o Canto Coral visava promover uma “educação pela música” ou uma “educação para a música”? Esta questão é relevante dado que, mesmo sob o período de coordenação da MP, os manuais escolares deixavam entrever a tensão entre estas duas correntes de abordagem do Canto Coral, ou melhor, entre

¹ Programas da disciplina de canto coral para as 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª classes dos liceus, segundo o decreto nº 21150, de 13 de Abril de 1932

o canto colectivo (uníssonos, obrigatório, mobilizar da massa, ordeira e unida em torno do chefe para não cair no “abismo da desafinação”) e o canto coral a várias vozes (polifónico, volitivo, técnica e esteticamente mais exigente).

Referências:

- ARROIO, António, *O canto coral e a sua função social*. Coimbra: Editor França Amado, 1909.
- ARTIAGA, Maria José, “A disciplina de Canto Coral e o seu repertório de 1918 a 1960”, *Revista Psicologia, Educação e Música*, nº 3, 2001, p. 45-56.
- Idem, “Canto Coral como representante nacionalista” in CASTELO-BRANCO, Salwa; BRANCO, Jorge Freitas (2003), *Voices do Povo: a folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 2003, p. 265-273.
- BORBA, Tomás, *O Canto Coral nas Escolas*. Lisboa: Sociedade de Estudos Pedagógicos, 1916.
- GRAÇA, Fernando Lopes, *A música portuguesa e os seus problemas*. vol. I, Porto: Edições Lopes da Silva, 1944.
- Idem, *A música portuguesa e os seus problemas*. vol. VIII, Lisboa: Editora Cosmos, 1973.
- Idem, *Nossa companheira Música*. Lisboa: Portugália Editora, 1964.
- LEÇA, Armando, *Da música portuguesa*, 2ª ed., Porto: Livraria Educação Nacional, 1942 [1ª ed., 1922].
- MÂNTUA, João, *O Canto Coral na Escola*. Lisboa: Tip. J. Gomes Monteiro, 1939.
- PACHECO, Carneiro, *Três discursos*. Lisboa: s/ ed., 1934.
- RAMOS, Manuel, *A música portuguesa*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1892.
- SILVA, Manuel Deniz, “Usos e abusos do folclore musical pela Mocidade Portuguesa” in CASTELO-BRANCO, Salwa; BRANCO, Jorge Freitas (2003), *Voices do Povo: a folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 2003, p. 255-263.

205. **1891**
NEVES, César das, 1841-1920
Escola primaria de canto coral para o ensino da musica a creanças d'ambos os sexos / por Cesar das Neves. -Porto: Livr. Portuense de Lopes & C.ª, 1891. -111, [1] p.: pautas mus.; 22 cm. – 1.ª parte: Solfejo – 2.ª parte: Vocalizos – 3.ª parte: Canto Coral.
BPMP T1-7-57(3)
206. **19 - ?**
LEÇA, Armando, pseud.
Solfejo entoado e canto coral / Armando Lopes Leça. - 4ª ed. - Porto: Domingos Barreira, [19 - ?]. - 50 p.: not mus.; 22 cm
BPMP I3-2-22(39)
207. VIEIRA, Afonso Lopes, 1878-1946
Hino a Camões: para as crianças portuguesas: versos / de Afonso Lopes Vieira; musica de Thomás Borba; des. de Raul Lino. -[Lisboa]: "A Editora", [19--?]. -4 p.: il., not. mus.; 27 cm
BPMP CA-3-38(4)
208. **1913**
VIEIRA, Ernesto, 1848-1915
Curso elemental de canto coral / Ernesto Vieira. - Lisboa: A. M. Teixeira, 1913. – 164 p.; 22x16 cm. - (A musica na escola primaria; 1. - 1.a parte - Cadernos para aprender a ler e escrever os elementos da notação musical. - 2.a parte - Solfejos e cantos a uma, duas, tres e quatro vozes)
BPMP T1-6-140
209. **1916**
BORBA, Tomás, 1867-1950
O canto coral nas escolas / Tomás Borba. -Lisboa: Edição da Sociedade de Estudos Pedagógicos, 1916. – 27 p.: not. mus.; 26 cm
BPMP P1-12-117(1)
210. **1918**
SÁ, Bernardo Valentim Moreira de, 1853-1924
Compêndio de música: em rigorosa concordância com o programa das escolas normais e de habilitação para o magistério primário / por B.V. Moreira de Sá. -5ª ed., muito aum.. -Porto: Casa Moreira de Sá, [Imp. 1918]. -104 p.: not. mus.; 24 cm. -Com um dicionário musical e biográfico
BPMP T1-8-139
211. **1932**
175 LIÇÕES DE CANTO CORAL
175 lições de canto coral: para uso dos liceus e institutos de instrução secundária, compiladas de acordo com o decreto no. 21.150 / J.F.T.. - Póvoa de Varzim: Tip. de "O Poveiro", 1932. - 167, [1] p.: not. mus.; 23 cm
BPMP T1-7-122
212. **1933**
LEÇA, Armando Lopes
Solfejo entoado para uso dos Liceus e Colégios: 1º Caderno / Armando Lopes Leça.... -[S.l.: s.n.] 1933 (Porto: Tip. Costa Carregal). -48 p.; 22 cm
BPMP K3-4-41(19)
213. LEÇA, Armando Lopes
Solfejo entoado para uso dos Liceus e Colégios: 2º Caderno / Armando Lopes Leça.... -[S.l.: s.n.] 1933 (Porto: Tip. Costa Carregal). -48 p.; 22 cm
BPMP K3-4-41(18)
214. **1934**
BORBA, Tomás, 1867-1950
Solfejos, canções e cânones: adequados ao programa de Canto Coral dos Liceus / Tomaz Borba. - Lisboa: Neuparth, [cop. 1934]. – 100 p.; 24 cm
BPMP I3-1-110(41)
215. **1937**
BAIÃO, Domingos Vieira, Padre
Hino Nacional e Marcha da Mocidade Portuguesa traduzidos e cantados em língua indígena das Províncias de Benguela e do Bié (Angola) / pelo Padre Domingos Vieira Baião, Missionário do Espírito Santo da Missão Católica do Huambo. – Braga: Tip. das «Missões Franciscanas», [1937]. – 2 fls.; 27 cm
BPMP I3-1-87(14)
216. **1938**
PORTUGAL. Mocidade Portuguesa
Cancioneiro / Mocidade Portuguesa. – [Porto]: Mocidade Portuguesa, [1938]. -[16] fls., not. mus.; 12x16 cm
BPMP I3-5-11 P.4(10)
217. **1939**
PEREIRA, Virgílio, 1900-1965
Canto Coral: O Meu Diário (exercícios graduados): elaborado de harmonia com o solfejo graduado para Liceus, Colégios e Grupos Corais/ Vergílio Pereira. – 1ª ed. - Porto: Edição do Autor, 1939. - 23 p.: not. mus.; 22 cm
BPMP I3-1-87(34)

218. **1941**
FERREIRA, António Eduardo da Costa, 1875-1966
ABC musical e cancionero para o ensino da música e do canto coral / António Eduardo da Costa Ferreira, Ilídio Gomes de Sousa Cirilo. - [S.l.: s.n.], 1941 (Penacova: Tip. União). - 220 p.; 23 cm
BPMP C6-11-47
219. **1952**
NINA, Filinto
Noções de teoria da música e de canto coral destinado aos estudantes do 1o ciclo dos liceus e do curso elementar das escolas técnicas / Filinto Nina e José Sá Camboa. - Porto: Biblioteca Musical, [D.L. 1952?]. - 47 p.: not. mus.; 22 cm
BPMP I3-2-22(6)
220. **1954**
CABRAL, Oliveira, 1890-1974
Função do canto coral na formação moral da juventude: palestra radiofónica / Oliveira Cabral. - Porto: Escola Prática Comercial de Raul Dória, [D.L. 1954]. - 24 p.: il.; 21 cm
BPMP L3-4-119(8)
221. **1957**
NINA, Filinto
Teoria elementar da música e canto coral: destinado aos estudantes do 1.o ciclo dos Liceus e do Ensino Elementar das Escolas Técnicas / Filinto Nina. -Porto: Ed. Crisos, [D.L. 1957]. - Partitura (47, [1] p.); 25 cm + Errata 1 f.
BPMP I3-4-67(31)
222. **1958**
PORTUGAL. MOCIDADE PORTUGUESA. DIVISÃO DE ANGOLA
Livro de canto coral / Divisão de Angola da Mocidade Portuguesa. -Luanda: Comissariado Provincial, 1958. -124: not. mus.; 17 cm
BPMP N4-1-67
223. **1959**
NINA, Filinto
Teoria elementar da musica e canto coral: destinado aos estudantes dos liceus e escolas técnicas / Filinto Nina. -Porto: Biblioteca Musical, 1959. -Partitura (47, [1] p.); 23 cm
BPMP C7-4-24(6)
224. **1960**
FERREIRA, António Eduardo da Costa, 1875-1966
A.B.C. musical e cancionero / António Eduardo da Costa Ferreira, Ilídio Gomes de Sousa Cirilo. - 17.º milhar. - Coimbra: Olímpio Medina, [D.L. 1960]. -224 p.; 23 cm
BPMP C7-4-56
225. PORTUGAL. MOCIDADE PORTUGUESA. ESCOLA NACIONAL DE GRADUADOS
Canto coral / Escola Nacional de Graduados. - Lisboa: Serv. de Publicações da M. P., [1960]. -14 p.; 25 cm
BPMP C7-4-75(5)
226. **1961**
FERREIRA, António Eduardo da Costa, 1875-1966
A. B. C. musical e cancionero para o ensino da música e do canto coral / António Eduardo da Costa Ferreira, Ilídio Gomes de Sousa Cirilo. - 18.º milhar. - Coimbra: Olímpio Medina, [D.L. 1961]. - 224 p.; 23 cm
BPMP C7-4-87
227. **1962**
FERREIRA, António Eduardo da Costa, 1875-1966
ABC musical e cancionero para o ensino da música e do canto coral / António Eduardo da Costa Ferreira e Ilídio Gomes de Sousa Cirilo. - 19.º milhar. - Coimbra: Olímpico Medina, [D.L. 1962]. -224 p.; 23 cm
BPMP C7-4-132
228. **1964**
BARRAL, Rui
O livro do pequeno cantor: leituras musicais: noções de canto coral: rudimentos teóricos: para o 1o ciclo do ensino liceal / Rui Barral. - Lisboa: Emp. Literária Fluminense, [D.L. 1964]. - 140 p.: not. mus.; 22 cm
BPMP I6-8-131
229. FERREIRA, António Eduardo da Costa, 1875-1966
A. B. C. musical e cancionero / António Eduardo da Costa Ferreira e Ilídio Gomes de Sousa Cyrillo. - 20.º milhar. - Coimbra: Olímpio Medina, [D.L. 1964]. -224 p.; 23 cm
BPMP I6-8-114
230. NINA, Filinto
Teoria elementar da música e canto coral: destinado aos estudantes dos Liceus e Escolas Técnicas / Filinto Nina. -Porto: Biblioteca Musical, 1964. -Partitura (47, [1] p.); 23 cm
BPMP I6-9-35(17)